

## A PERCEPÇÃO DE SI E A ALTERIDADE, NA OBRA DE VALTER HUGO MÃE

Ágnes Christiane de Souza (UFPE)

Ricardo Postal (UFPE)

### Resumo

O presente artigo discute a alteridade, questão recorrente na obra do escritor Valter Hugo Mãe. Bem como investigar como se efetiva a percepção de si, a partir do momento em que seus personagens se chocam com esta mesma alteridade. Os personagens escolhidos como corpus, foram Antonino ou “o filho da Matilde” d’O filho de mil homens (2013) - que nos é apresentada pela ótica de uma sociedade que o chama de “maricas” e trata sua homossexualidade como “desvio”, e senhor Silva d’A máquina de fazer espanhóis (2011), que é colocado no asilo, por seus filhos, após o falecimento de sua mulher e é obrigado a conviver diariamente com pessoas desconhecidas e a presença iminente da morte. Esses personagens, trazem em seu comportamento reflexos da nossa sociedade, cada vez mais pautada na máxima socrática sobre a egologia. Tanto Antonino quanto o senhor Silva, são levados por acontecimentos fora de suas ilhas afetivas a saírem de suas zonas de conforto. Distanciam-se do conceito de ontologia – Ser- totalidade - ao se aproximar do que Levinas chama de relações baseadas na responsabilidade, de estar em face do outro. A metodologia adotada será a leitura e recortes de mitemas que dialoguem com pontos fulcrais que serão discutidos: alteridade, identidade, percepção de si, afetividade. Para tal, utilizamos as reflexões sobre o Outro de Levinas (2004; 1999; 1982). No tocante às discussões acerca das identidades e da dissociação da existência de uma identidade inflexível nos embasamos em Stuart Hall (2006), às discussões de e no tocante às demandas afetivas utilizamos como suporte teórico Coelho e Rezende (2011) e Benedict (1970).

Palavras-chave: Percepção de si. Outro. Alteridade.

### Introdução

Ao me deparar com as obras do escritor angolano radicado em Portugal Valter Hugo Mãe, pude perceber temáticas emergentes que as atravessam. Sejam demandas sociais ou afetivas, a alteridade é uma dessas urgências que aparece em grande parte das suas narrativas. Aqui, daremos atenção a ela, bem como as consequências de sua prática, em principal, aos resultados que se têm quando o indivíduo percebe de si como um ser social-emocional-afetivo-político dentro das micro e macro sociedades em que se vive, e não mais como um ser ontológico. A despeito disso, por exemplo, um trecho do seu penúltimo romance publicado, A desumanização, em que Halla, a protagonista do romance explica, através do discurso do pai o que é a beleza do olhar do Outro em sua companhia, ou o que é alteridade de forma poética:

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe e nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que

ela se concretiza pela expectativa da reunião com o outro. (...) Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. (MÃE, p. 27, 2014)

Os dois personagens aqui escolhidos passam por tal processo em âmbitos completamente diferentes, mas inseridos na lógica de micro sociedades – as quais se baseiam no afeto e na responsabilidade - e macro sociedades – as quais se baseiam em processos de homogeneização e padronização comportamental. Antonino, do romance *O filho de mil homens* (2013) e Sr. Silva do romance *A máquina de fazer espanhóis* (2011), são personagens que apresentam, no decorrer de suas respectivas narrativas, mudanças significativas oriundas de seu contato com as práticas da alteridade de forma traumática e abrupta, ou dizendo mais, de forma forçada e além de seus estados ensimesmados.

O artigo está dividido em dois tópicos que englobam as questões supracitadas: alteridade e percepção de si, bem como temáticas que atravessam de forma significativa as mesmas de modo que nos ajude a entender como se dão esses dois fenômenos ou processos que ocorrem na vida desses dois personagens. O primeiro, tem por finalidade discutir a formação o processo de “ensimesmamento” de Antonino e de Sr. Silva. O segundo, será feito um diálogo entre as teorias acerca da trajetória dos personagens da passagem do estado da egologia até a percepção de si através da alteridade.

Com esse recorte das obras de Mãe, pelo viés de Antonino e Ar. Silva, será possível traçar um pequeno panorama de como a “insistência” do autor para com a alteridade e os temas que a circundam é uma espécie de alerta em sua poética para o estado de “ensimesmamento” que nossas relações afetivas e sociais estão se tornando.

### **O estar no mundo em estado e “ensimesmamento”**

As duas narrativas inseridas na poética de Valter Hugo Mãe que aqui analiso, *O filho de mil homens* e *A máquina de fazer espanhóis*, têm uma estrutura de encadeamento de acontecimentos os quais se pode perceber os processos de evolução ou regressão dos seus personagens. Em ambas as trajetórias as quais direciono meu foco se pode destacar a ruptura de um estado inicial que chamarei de “ensimesmamento” a um estado de pertença afetiva perante outros que não dizem respeito a laços sanguíneos ou socialmente contratuais, em principal, o casamento.

Em Antonino, o princípio do seu estado de ensimesmamento diz respeito a uma coerção social acerca de sua sexualidade, que tinha por extensão sua própria mãe:

A vizinhança dizia, mesmo sem certezas, que era um homem com histórias horríveis, encontrado nos ermos a falar com estranhos, com outros homens, que tinha sido visto a subir as calças ao pé das águas onde os trabalhadores nadavam. Sabiam todos que havia crescido errado, diferente dos outros rapazes, diferente das pessoas. Era como alguém incompleto das ideias. Isaura enxotava-o mais por isso, porque, visto sem mais nada, tinha um ar limpo e entroncado, como um homem bem-educado, talvez demasiado educado para andar na vida dos campos. À Isaura, contudo, não lhe importavam conversas e amizades com um rapaz cheio de loucura (...) O homem maricas, no entanto, rondava-a como um náufrago em torno de uma tábuca a flutuar. Não a largava e sorria sempre, a trazer-lhe simpatias nos cumprimentos cada vez mais demorados e corajosos. (MÃE, 2013, p. 53)

“O filho da Matilde”, como é conhecido pela vizinhança, nos é apresentado através de um viés que o faz negar a sua expressão de ser baseado em uma suspeita de homossexualidade em uma ótica do desvio e do errado. Esse é o ponto fulcral para o iniciar o processo de ensimesmamento. O personagem vive em uma comunidade em que não há espaço para o diferente, visto que há um sistema e um pensamento nesse lugar que preza pela política da homogeneização, ou seja, há uma supervalorização do padrão comportamental e, veladamente ou nem tanto, afetivo, todos têm de amar igual, demonstrar igual e construir famílias igual. Posto isso, Antonino imerso em tal posição se vê obrigado a cortejar uma moça – Isaura - a fim de atingir toda uma série de expectativas de grande parte da comunidade tradicionalista.

Parafraseando Coelho e Rezende, esses comportamentos como demonstrar simpatia, mostrar-se solícito e, principalmente, exhibir isso publicamente se dá o nome de “sentimentos sociologicamente orientados”. Esses sentimentos dizem respeito a um comportamento que se engendra em sociedades, comunidades e afins e tendem a atingirem um status de verdade – comportamental – absoluta.

Mas todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais do que simples manifestações, são signos de expressões compreendidas. Numa palavra, são uma linguagem. Esses gritos como frases e palavras. É preciso pronunciá-los, mas se é preciso pronunciá-los, é porque todo o grupo os compreende. Faz-se, portanto, mais do que manifestar os sentimentos, manifesta-se para os outros porque é preciso manifestá-los para eles. As pessoas manifestam sentimentos para si próprias, ao exprimi-lo para os outros e por conta dos outros. É, essencialmente simbólico. (DURKHEIM apud COELHO e REZENDE, 2011, p. 10)

No caso de Antonino, isso se vê claramente em seu intuito de cortejar para casar, podendo, finalmente, encaixar-se na sociedade em que foi inserido. É preciso demonstrar

de forma enfática e não há demonstração mais enfática nessa linguagem de sentimentos desenvolvidos em uma sociedade patriarcal e heteronormativa do que o matrimônio. Há uma auto anulação do poder ser legitimamente em sociedade, pois corresponder com as expectativas do outro, muitas vezes, é perder-se da sua essência como ser social, afetivo e emocional. Permito-me ainda questionar sobre esse “outro”, quem seria esse “outro” que dogmatiza a vida do seu semelhante a ponto de o fazer sentir-se na obrigação de não ser quem se é?

A questão principal aqui é que ao fazer isso Antonino resume sua vida a essa emoção deturpada socialmente que é a figura do casamento. Não há, nesse processo encaixe forçado, uma busca pelo diferente do outro, pelo contrário, o que há é a necessidade de se fechar em um duo de relações não espontâneas: a família, resumida à figura da mãe, e o casamento, representado por uma máscara social. Dessa maneira, o personagem constrói sua “bolha”, a fim de repreender tudo o que é diferente, legítimo e fora do padrão emocional do lugar onde ele vive. Em outras palavras, o processo de ensimesmamento.

O outro personagem que dialoga é o Sr. Silva que diferentemente de Antonino não pretende ser aceito em determinada sociedade fabricando sentimentos, o que o personagem mais deseja é ficar o mais longe possível da sociedade, resumindo sua vida à sua mulher e seus dois filhos. O Sr. Silva apresenta em seu discurso, bastante claro, o que para ele tinha como importante e essencial em uma trajetória pela vida:

o compromisso, pensei eu a vida inteira, é algo restrito e que se tabela pela mais premente sobrevivência. casar, amar, comer, ter filhos, viver para sempre. não morrer. nunca morrer, nem deixar ninguém morrer. ninguém do núcleo fundamental, claro está. não deixar nunca que isso aconteça, de outro modo, tudo se desmorona e luta foi um fracasso. (MÃE, 2011, p. 172)

O “núcleo fundamental” é extremamente corroborado na fala desse personagem, não há espaço para afetos que são externos a ele ou para ideologias que tem como finalidade viver em grupo, como a religião e a política, por exemplo. É isso o que se permite “sobreviver” e nada “desmoronar”, “o ser humano é só carne e osso e uma tremenda vontade de complicar as coisas.” (p. 83).

O processo de ensimesmamento do Sr. Silva se acentua quando Laura, sua mulher, morre. Há uma consciência de que aquela mulher fora o amor da sua vida e que, apesar de ainda ter filhos, a partir dali o que o sustentou para ter emoções, no sentido relativista

de Benedict (1970) no que diz respeito à comportamentos de essência individual e que tendem a ser socialmente flexibilizados, não existiria mais e o afastaria cada vez mais de sentir algum tipo de emoção por terceiros. Definia-se como “um velho amargurado e sem amor” (p. 114-115).

Os dois processos de ensimesmamento que aqui foram apresentados comungam com essa ideia de Benedict, pois tanto a emoção moldada pelo social afasta da predisposição de exteriorizá-las ou se aproxima de uma espécie de prestação de conta emocional para quem está de fora. Tanto no afastamento quanto na acentuação de emoções ilegítimas, bem como um forjar do sentimento como “símbolo social e expectativa comportamental” Lutz e White apud. Coelho e Rezende, no caso do comportamento de Antonino para com Isaura, há um bloqueio perante toda e qualquer forma de troca de afeto legítimo e espontâneo, bem como a reafirmação da máxima socrática da egologia, um convite ao recolhimento e ao apagamento da “natureza coletiva dos sentimentos” (COELHO & REZENDE, 2011. p. 10).

### **Da descoberta do Outro**

*a alteridade interrompe a trama do ser*  
*Pivatto*

Como já foi dito anteriormente, os dois personagens em questão sofrem uma gradação comportamental no decorrer de suas narrativas, passam pelo processo anteriormente comentado até se perceberem como partícipes de comunidades marginalizadas de forma clara ou velada. Em termos gerais, ambos são levados, por movimentos externos, a se depararem com a alteridade, bem como os resultados que se têm através de sua prática.

Um aspecto importante, antes de adentrar a temática principal desse tópico que é alteridade, que precisa ser comentado é o da noção de identidade que pode ser percebida na análise dos personagens. Uma noção de identidade que caminha junto com o processo de egologia e que, ao cabo, ambas são quebradas, que é a identidade como algo fechado e completo, a qual não sofre influência externa, a noção de “eu” como totalidade que Lévinas rebate, e que Stuart Hall consegue clarear essa ideia de identidade como algo poroso:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados

ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (p.12-13)

Lévinas e Hall dialogam ao discordarem de um eu totalitário, de um sujeito que é o princípio e o fim da sua própria trajetória. A esse ser totalitário Lévinas frisa que ele “não é sem consciência, mas tem uma consciência sem problemas, quer dizer, sem exterioridade, mundo interior cujo centro ele ocupa, consciência que não se preocupa em situar-se em relação a uma exterioridade, que se não capta como parte de um todo” (2004, p. 37). Dito isto, posso adentrar à temática da alteridade, pois é através dela, na figura da exterioridade, que Antonino e Sr. Silva se percebem como “parte de um todo”.

O que acontece com os personagens é o que Lévinas chama de “encontro do rosto de outrem”, ou seja, o desenvolvimento e abertura para relações interpessoais baseados na ética – no sentido afetivo - e na responsabilidade. No caso do Sr. Silva esse processo se dá devido a seus filhos terem-no colocado em um asilo contra a sua vontade, e conseqüentemente ao fato de ter, a partir do momento que foi posto ali, de conviver com inúmeros estranhos e a presença constante da figura da morte. E esse seu “encontro do rosto de outrem” não se dá de forma pacífica, bem como coloca Emmanuel Lévinas, pois ele diz que nem sempre é agradável ou tida de forma pacífica, mas que ao fim e ao cabo é o que ele chama de bem.

nunca teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro, nunca teria percebido como um estranho pode nos pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre as pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (MÃE, 2011, p. 244)

Alteridade se dá na vida desse homem preponderantemente pelo viés da perda, pois se tem a consciência de que não há sofrimento apenas ao perder uma mulher ou alguém de ligação sanguínea, o sofrimento advém de quem se tem o sentimento de pertença.

O caso de alteridade na vida de Antonino se dá por conta de uma micro comunidade que se forma dentro da comunidade maior em que ele tentava se adequar, se assim posso dizer, pois apesar de conseguir casar com Isaura, o matrimônio não chegou nunca a ser

consumado. Essa “micro comunidade” ou os marginalizados de uma comunidade maior é composta por sujeitos que não se encaixam em um sistema de padrões tradicionais e opressores, tem-se, Isaura – que deitou-se com o noivo prometido e foi abandonada pelo mesmo -, Crisóstomo – homem de quase quarenta anos, solteiro que se sentia pela metade por não ter um filho -, Camilo – que foi criado pelos avós e ficou órfão e, claro, Antonino -, que sempre fora hostilizado pelo suspeita de uma orientação sexual que fugia da heteronormatividade.

O que esses personagens todos têm em comum, além do desprezo por parte de toda uma comunidade é algo sintomático em nossa contemporaneidade, o sentimento de incompletude e é através do encontro de quatro rostos diferentes que se dá o sentimento de pertença, bem como o início de uma trajetória em conjunto.

O Antonino emocionou-se e olhou, entre tantos rostos, o do homem desconhecido. O padre mandou fazer pouco barulho e calaram-se todos por respeito a quem se finara. De qualquer modo, já não precisavam falar. Pertenciam e comunicavam entre si pela intensidade dos sentimentos. Tinham inventado uma família. (MÃE, 2013, p. 199)

Essa passagem d’O filho de mil homens é essencial para entender tanto a relação de Antonino com ele mesmo, ao receber o sujeito desconhecido em sua vida, tanto quanto para identificarmos o quanto as pessoas dessa família inventada se queriam, além de corroborar ao que Lévinas (1982) atenta para a relação com o outro que, antes de tudo, há de ter desejo das partes, desejo de ser responsável, ético e generoso nessa relação de troca face a face do outro.

## **Conclusão**

A obra de Valter Hugo Mãe é atravessada por temáticas emergentes e uma dessas temáticas emergentes é a alteridade e quais os resultados significativos de sua prática. Antonino e Sr. Silva são pontes importantes para a demonstração desse pensamento, ou melhor, desse alerta de que não há um “eu” se um “outro” numa relação afetiva, ética, responsável e de pertença mútua.

É também importante salientar o pensamento de Lévinas quanto a não facilidade desses processos, por isso a primeira parte desse artigo dedicada a um estado de ensimesmamento ou teoricamente falando, a reprodução da egologia, do desenvolvimento de uma ontologia utópica.

Portanto, corroboro aqui a importância de percebermos cada dia mais esses alertas presentes em narrativas literárias, pois não podemos negar as demandas sociais que se sempre se estenderam e seguem se estendendo na literatura.

## **Referências**

BENEDICT, R. **Configurações de cultura**. Em: PIERSON, D. (org.) Estudos de organização social. São Paulo: Martins Editora;

COELHO , M. C.; REZENDE , C. B.[org.]. **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011;

GOMES, C. S. C. L. B. **Levinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2008;

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006;

LÉVINAS, E. **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 2004;

\_\_\_\_\_. **Da existência ao existente**. Campinas: Papyrus, 1999;

\_\_\_\_\_. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982;

LUTZ , C.; WHITE , G. M. **The anthropology of emotions, Annual Review of Anthropology**, Paio Alto, n. 15, p. 405-3

MÃE, V. H. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014;

\_\_\_\_\_. **O filho de mil homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2013;

\_\_\_\_\_. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.